

A Theotókos de Vladimir na obra de Marko Ivan Rupnik

Wilma Steagall De Tommaso*

O ícone, arte sacra característica da Igreja do Oriente, como imagem é *sui generis*, é uma imagem-Palavra. Há no ícone um percurso histórico e teológico que converge na unidade Palavra-Imagem, isto é, a Palavra de Deus como imagem, e não mera figuração de episódios bíblicos. Tal modelo de arte sacra desenvolveu-se a partir do Concílio da Calcedônia (451), que definiu as principais questões sobre a divindade e a humanidade de Jesus. Esta comunicação tem como objetivo apresentar o ícone da *Theotókos* de Vladimir, expor sua história e teologia, e demonstrar sua contemporaneidade na obra do esloveno Marko Ivan Rupnik (1954). Considerado o maior artista sacro da atualidade, Rupnik busca ressaltar a condição divina da humanidade, dimensão esquecida pelos cristãos modernos em sua visão, baseada nos Santos Padres e nos pensadores russos do final do século XIX e do século XX, tais como Vladimir Solov'ëv, Pavel Florenskij, Nicolas Berdiaev, Paul Evdokimov.

Palavras-chave: *Theotókos* – Arte sacra – Marko Ivan Rupnik – Divino-Humanidade

1. Introdução

Marko Ivan Rupnik (1954), padre jesuíta nasceu em Zalog, Eslovênia. Estudou arte na *Accademia di Belle Arti* e teologia na Gregoriana, em Roma. É diretor do *Centro Studi e Ricerche Ezio Aletti*, um centro de estudos e relações culturais entre países europeus do Oriente e do Ocidente, e também é responsável pelo *Atelier d'Arte del Centro Aletti*, onde artistas de várias nacionalidades têm executado em conjunto mosaicos para o mundo todo. No Brasil, temos exemplos na Catedral de Castanhal (Pará, 2014), e, atualmente, está em execução a fachada externa da Basílica Nacional de Aparecida (São Paulo).

Convidado a realizar uma obra no Centro de Oncologia do Hospital Gemelli, em Roma, para um corredor próximo da sala de radioterapia, o padre Rupnik inspirou-se no ícone da *Theotókos* de Vladimir para realizar um grande mosaico. Segundo o padre, ao ver o lugar e imaginar como estariam se sentido os pacientes que ali se encontrassem, seu primeiro pensamento foi para essa imagem.

* Doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. Professora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: wilmatommaso@me.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/8209900139809763>.

Rupnik teve como diretor espiritual por trinta anos o cardeal Tomáš Špidlík¹, cuja influência quanto à Ortodoxia, à Patrística, em especial aos Padres Gregos e autores russos dos séculos XIX e XX, é notória em seus livros e na arte do ícone.

2. A Mãe de Deus na Ortodoxia

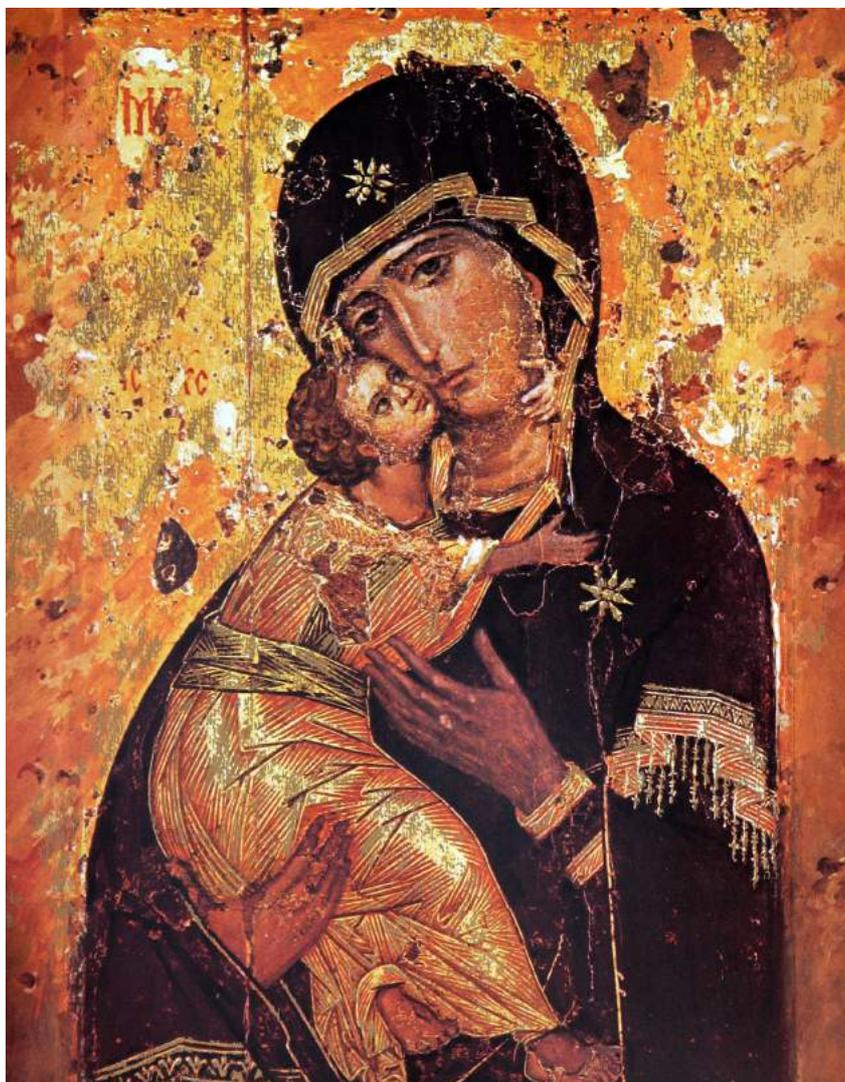


Figure 1 Ícone da Theotókos de Vladimir. Galeria Tretiakov, Moscou, século XII.

Para o Oriente cristão, não há uma separação rigorosa e sistemática que aloque Jesus Cristo em um plano e a Virgem Maria em outro. A veneração à Mãe de Deus está estreitamente ligada à sua maternidade divina e à união com a pessoa e a obra do Filho; por isso, pode-se dizer

¹ Špidlík nasceu na Tchecoslováquia (atual República Tcheca) em 17 de dezembro de 1919 e foi nomeado Cardeal por João Paulo II em 2003. Embora não tivesse direito a voto (por ter mais de 80 anos), sua elevação à dignidade cardinalícia foi um reconhecimento a seu amplo trabalho de escritos teológicos. Em 1955, ele defendeu sua tese de doutorado no Pontifício Instituto Oriental de Roma, marco do início de sua trajetória universitária como professor de Patrística e Teologia Espiritual Oriental em várias universidades, tanto em Roma como ao redor do mundo, tornando-se um dos maiores especialistas na espiritualidade do cristianismo oriental.

que a iconografia mariana é também cristológica. Segundo São João Damasceno, apenas o nome *Theotókos*, mãe de Deus, já contém todo o mistério da economia da salvação², já indica a dupla origem de Cristo: de Deus e de Maria.

A Encarnação do Verbo é o dogma fundamental do cristianismo. A admissão desse mistério é incompleto se não se professa a Virgem Maria como verdadeira Mãe de Deus. O culto do ícone de Jesus Cristo presume o papel da *Theotókos*, cujo consentimento foi condição indispensável para a Encarnação, para que Deus se fizesse visível e representável.

Segundo os Padres da Igreja, o que permite que o Verbo Encarnado seja representado em um ícone é a humanidade herdada de sua Mãe, pois, se não pudesse ser representado, significaria que nasceu somente do Pai e não se encarnou. E isto seria contrário a todo o plano da salvação.

Segundo Spidlik, o Oriente se destaca por sua tradição mariana, com muitos hinos litúrgicos compostos em Bizâncio em honra da Mãe de Deus, e completa,

como escreveu Vladimir Losskij, toda a devoção oriental consiste na celebração do que é o escopo da nossa salvação: a superação do abismo entre Deus e o homem. Por isso na veneração dos cristãos por Jesus Cristo, a pessoa divina encarnada, interveio Maria, a única pessoa humana deificada³.

A *Theotókos* do mosaico está vestida com uma túnica azul, coberta com uma capa de cor púrpura. A cor púrpura simboliza a divindade e o azul a humanidade. Os ícones marianos, querem, portanto, explicitar que a natureza humana da *Theotókos* fora revestida da graça plena de Deus.

3. Sobre a *Theotókos* de Vladimir

A Virgem de Vladimir é um modelo misto de dois modelos iconográficos: a Virgem do Caminho, *Hodoghitria*, que leva o menino no braço e cuja mão indica o caminho, Ele é o Logos, o Filho feito Homem; e a Virgem da Ternura, a *Eleusa*, uma concepção eslava, mais russa que grega, na qual o Menino envolve com a mãozinha o pescoço da mãe como gesto de ternura.

A mãe dolorosa sempre foi a imagem preferida na devoção das mães cristãs. O veredito sobre Eva se refere à dor de dar à luz aos filhos (Gên. 3:16). Essa dor parece inseparável de toda a existência do ser da mãe, da vida plena de pressentimentos e clarividências e da difícil consciência de levar o peso do destino dos filhos⁴. Não se encontra facilmente outra imagem cuja face da mãe seja tão carregada de sofrimento, ainda que não especificado, mas vagamente pressentido como nesse ícone de Vladimir.

² Cf. Paul EVDOKIMOV. p. 217.

³ ŠPIDLÍK, Tomás. *La Madre di Dio*. p. 88.

⁴ ŠPIDLÍK, Tomás; RUPNIK, Marko Ivan. *La fede secondo le icone*. p.105.

Sabe-se que por volta dos anos 1120-1130 um ícone desse tipo foi levado de Bizâncio a Kiev, e se supõe que seja o mesmo ícone chamado de Vladimir, porque foi transferido em 1155 a Vladimir, cidade a nordeste de Moscou. Acredita-se que esse ícone teria salvado milagrosamente a cidade de Vladimir de ser destruída pela invasão asiática em 1237.

Em 1395, os mongóis se preparavam para atacar Moscou. Os cristãos levaram o ícone de Vladimir a Moscou, que foi salva deste ataque e, mais tarde, de mais outros três ataques. Embora não haja documentos que confirmem, Stalin, no último ataque alemão a Moscou, teria ordenado um avião militar sobrevoar toda a cidade levando o ícone da Virgem de Vladimir. Três dias depois do ataque, o exército alemão sucumbiu aos russos.

E por que tudo isso? Acredita-se que as imagens santas, se são realizadas com oração, conforme pede a Igreja, isto é, na caridade, com certeza contêm uma Presença.

Para Boulgakov, os ícones milagrosos da Mãe de Deus são muitos porque exprimem a proximidade da *Theotókos* de alguma forma como sua morada no ícone, o que não muda o caráter ideal, nem torna o ícone um fetiche. Ao contrário, dá ao ícone objetividade e poder particulares: torna-se não apenas um foco para se rezar na graça de sua presença, mas também uma manifestação, como relatam os santos sobre as aparições da Mãe de Deus⁵.

Para os cristãos, onde há caridade, Deus habita. O único lugar onde podemos encontrar Deus é na caridade. Pavel Florensky, grande teólogo e mártir russo diz: “Quer ver Deus? Olhe a face de alguém que está oferecendo um pedaço de pão⁶”.

Andrei Roublev, o grande iconógrafo russo, conheceu esse ícone, afirma Evdokimov⁷, e se inspirou nele para transpor na sua versão da *Theotókos* e nos santos que pintou uma face plena de compaixão. Compaixão, para Dostoievsky, é a origem da verdadeira religião: a compaixão por aqueles que sofrem. Afirmação semelhante é a dos Padres Gregos: Deus é *Philántropos*, isto é, amante dos homens. Esse título de Deus e de Cristo é continuamente repetido nos textos litúrgicos bizantinos. O homem se torna semelhante a Deus sobretudo na filantropia e na misericórdia aos outros homens⁸.

As imagens ocidentais do Sagrado Coração mostram Cristo pronto a perdoar cada pecado, cada ofensa. No ícone russo, o Salvador tem um olhar pleno de compaixão por todos os que sofrem e entre esses, em primeiro lugar, por sua Mãe. A seu lado, a Mãe sente piedade pelo futuro sofrimento do Filho. A compaixão é, no entanto, incomparavelmente mais serena, então o

⁵ Père Serge BOULGAKOV. L'icône et sa vénération. p.100-101.

⁶ *La tenerezza de Dio*. Disponível em: <http://www.gemelliart.it/2017/06/25/dedicazione-del-mosaico-la-tenerezza-di-dio-di-padre-marco-rupnik-s-j/>. Acessado em 26 de abril de 2019.

⁷ Cf. Paul EVDOKIMOV. *L'art de l'icône* : théologie de la beauté. p. 222.

⁸ ŠPIDLÍK, Tomás; RUPNIK, Marko Ivan. *La fede secondo le icone*. p. 105.

Filho procura alcançar o olhar triste da Mãe, aperta a bochecha e abraçando-a afetuosamente parece sussurrar alguma coisa. Seria a mesma coisa que se encontra como inscrição em outro ícone: “ Não chores por mim, Mãe”. A dor da Mãe é o pressentimento da paixão e da cruz. Porém, o iconógrafo deixa indeterminado, não especificado, e transgride desse modo os limites da consideração histórica do mistério. As faces são uma personificação da tristeza universalmente humana. É o Cristo místico que sofre junto àqueles que sofrem, e juntos apresentam suas dores⁹.

A Virgem do padre Rupnik parece começar a compreender. Seus olhos e os olhos do Filho se encontram, não diretamente, olhar com olhar, mas na distância, no mistério de Deus. Aqui procuram a resposta para tantas dores do mundo. O sofrimento visto na perspectiva de Deus se identifica com a beatitude do amor.

O perfil da figura indica que se trata de uma matrona, mantendo lembrança da imagem de uma mulher grávida, isso indica que Maria acolheu a palavra e não existe mais sozinha. Raramente, nas representações iconográficas, Maria se encontra só. Maria, de fato vem definida como “do Verbo, com o Verbo e para o Verbo”, isto é marcada profundamente do que acolheu, o Santo.

4. Padre Marko Ivan Rupnik interpreta o mosaico¹⁰

Segundo Rupnik, há na face da Mãe de Deus um véu de tristeza. Mas deve ser uma tristeza que não pode ser descrita imediatamente, pois não é psicológica, e isso não é fácil de representar. É preciso dar a esse véu de tristeza um ar de mistério. Por quê? Há muitos motivos, mas o mais profundo é este: depois que aconteceu o pecado no mundo, está escrito que a mulher dará à luz com dores. Não se pensa aqui apenas nas dores do parto, mas em tudo que significa a maternidade. A vida do homem está vinculada à dor. Esse é o significado dessa frase.

Segundo os antigos Padres, a vida do homem não está livre da dor. A mulher dá à luz ao filho e ela é a mais consciente de que a pessoa que está gerando não poderá escapar da dor. Na sagrada escritura, a mulher é a portadora da vida, mas a vida está destinada à morte. Após o pecado, Eva deu à luz a seus filhos com certeza de que todos morreriam.

A Carta aos Hebreus mostra Cristo como Filho de Deus que está totalmente e integralmente unido ao destino do homem, tanto que está escrito que tudo pelo que o homem passa, Ele passou pessoalmente, Ele viveu o que aguarda o destino do homem. Na Carta aos

⁹ ŠPIDLÍK, Tomás; RUPNIK, Marko Ivan. *La fede secondo le icone*. p.107.

¹⁰ Cf. <http://www.gemelliart.it/2017/06/25/dedicazione-del-mosaico-la-tenerezza-di-dio-di-padre-marco-rupnik-s-j/>, acessado em 26 de abril de 2019.

Hebreus, lemos que a liturgia de Cristo foi feita com fortes gritos e lágrimas. Por quê? Pelo medo da morte, pois esse é o destino do homem.



Figure 2 Marko Ivan Rupnik. A Virgem da Ternura. Mosaico. Centro de radioterapia do Hospital Gemelli, Roma, 2016.

A Virgem tem um ar de tristeza porque vislumbra o destino de cada homem, isto é, sua paixão e morte. Mas, há algo interessante aqui: assim como Cristo é Filho de Deus, Maria lhe deu a carne, a fim de que Deus pudesse se tornar Homem; com essa abertura, Deus pôde se tornar conteúdo da sua humanidade.

Vladimir Solov'ëv diz: “A única verdadeira realidade que pode se tornar conteúdo da divindade é só a humanidade, de outra forma a humanidade está destinada à morte”. Em Maria a divindade toma conteúdo, tanto é que seu corpo se torna o corpo do Filho de Deus. Quando Deus se torna conteúdo da vida, acontece uma coisa grandiosa, porque o conteúdo da vida está ligado ao seu corpo.

O corpo do homem é uma árvore que está morrendo, tanto é que sendo jovem é flexível e frágil e quando endurece está próximo à morte. Assim é a árvore, assim é o homem. O que mudou? O corpo agora não se assemelha mais a uma árvore, mas a uma semente, essa é a diferença, eis a diferença, a semente morre, mas germina. O corpo do homem não é mais destinado à morte, mas a germinar. Assim é a passagem, tudo o que é semente, morre e germina.

Nossa Senhora está triste porque contempla o Filho em todo o seu destino, mas é o Filho quem a consola. Observem os pés da criança. Normalmente, na iconografia, a Madona é apresentada como a escada por onde Cristo sai por suas mãos para o mundo.

No mosaico, o Filho faz uma escalada para sussurrar alguma coisa que sua Mãe jamais ouvira antes: que sua carne não já germina, não apodrecerá na terra, nem a da Sua Mãe, porque na morte a pessoa sobe e não desce. O que o Filho olha? No primeiro esboço, Padre Rupnik desenhou o Filho olhando para a Mãe, depois percebeu que se enganara, o Filho olha para o Pai. Pois sai através da Mãe para o Pai.

Podemos germinar porque temos a vida que pode fazer de si um dom. No último minuto da consciência humana, no nosso espírito, cada um tem a possibilidade de fazer de si um dom, uma oferta no Filho que é a única oferta que agrada a Deus. Pode-se imaginar o quanto isso é profundo. Quando se está bem, é difícil entender, porém, para quem está ferido e percebe que se caminha para um declínio, isso importa, porque não existe nenhuma situação humana em que se obrigue a morrer. Cada situação pode tornar o morrer como dom para alguém. E isso muda tudo, e por isso Ele enxuga aquela lágrima: não haverá mais lágrimas.

Se a vida que recebemos é a vida do Filho, que possamos nos tornar dom, possamos viver como oferta, como uma semente que germina, então fica evidente que é Deus que nos consola e não nós que consolamos Deus. Nunca encontramos no Oriente cristão uma *Theotókos* que consola o Filho, isso nasceu no Ocidente, no Barroco; não consolamos Deus, é Ele quem toma nossa situação para si.

Cristo disse para rezar sem cessar, mas muitos rezam e não acontece nada. Em grego se entende melhor essa passagem, *enchein* (ενκειν) se traduz por “sem se cansar”, para que não se desencoraje, sem perder o ânimo. Rezar sempre porque se não se reza perde-se o ânimo e se desencoraja na situação em que se encontra. Isto é rezar sempre, se não a situação dramática na

qual se encontra pode trazer a revolta, o mal. Por que insistir? Porque se não rezo, faço sozinho, e o homem só faz mal todas as coisas. Faz segundo ele e o mundo, então entra no mal do mundo, na lógica do mundo, por isso é importante para nós, cristãos, insistir na oração, sem obstinação, mas manter um colóquio aberto como entre eles, Mãe e Filho, a exemplo de como se aproximam para falar. A oração significa vencer a solidão, compreender a si mesmo com o outro, com Cristo, ver-se junto ao outro. Então, é preciso falar com eles, continuar a falar para não cair no risco de tornar-se mau, duro, deprimido, de abandonar-se às paixões porque desistiu de tudo. O padre Rupnik enfatiza: é o colóquio que me mantém e a companhia que me mantém no bem. Se estou com pessoas boas, posso me tornar bom.

E conclui: há uma enorme diferença entre a nossa oração e a resposta de Deus. Parece que Deus sempre chega atrasado em nossas súplicas. Esse atraso permanente, para os Padres da Igreja é fundamental. Na verdade, é um carinho para nós.

5. Considerações finais

É belo que neste ícone o Cristo seja representado fazendo com a mãozinha uma carícia na Virgem. Cada homem pode se reconhecer na face de Maria, na sua tristeza, na angústia, no medo e nas incertezas, e será consolado por um Deus pequenino que é capaz de se introduzir em espaços que o homem considera totalmente pessoais e sente medo que qualquer um entre e mude alguma coisa. Isso significa que esse Deus, que continua a se fazer hóspede, pequeno, uma vez acolhido se torna o Paráclito, portador da consolação.

Todos nós podemos nos reconhecer nessa representação, porque para cada um sobre a terra chega uma noite que é triste, um momento em que se chora. Por isso a face da Mãe não deve se assemelhar a nenhuma outra face de mulher sobre a terra, porque não pode ser confundida com nenhuma outra, deve ser universal, dado que todos somos chamados a nos tornarmos Mãe de Deus. Nesse rosto a humanidade deve encontrar sua expressão, para que todos possam sentir a mão do Cristo em torno ao pescoço para fazer um carinho e suscitar em nós uma resposta à tristeza que nos oprime¹¹.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1993.

BOULGAKOV, Père Serge. L'icône et sa vénération. Traduit du russe par Constantin Andronikof. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1996.

¹¹ Cf. ŠPIDLÍK, Tomáš; RUPNIK, Marko Ivan. *La fede secondo le icone*. p. 108.

EVDOKIMOV, Paul. L'art de l'icône: théologie de la beauté. Paris: Desclée de Brouwer, 1972.

RUPNIK, Marko Ivan. La tenerezza de Dio. Disponível em <http://www.gemelliart.it/2017/06/25/dedicazione-del-mosaico-la-tenerezza-di-dio-di-padre-marco-rupnik-s-j/>. Acesso: em 26 de abr. de 2019.

RUPNIK, Marko Ivan; Campatelli, Maria. Vedo un ramo de mandorlo Riflessioni sulla vita religiosa. Roma: Lipa Edizione, 2015.

ŠPIDLÍK, Tomáš. La Madre di Dio. Roma: Lipa Edizione, Terza edizione, 2019.

ŠPIDLÍK, Tomáš; RUPNIK, Marko Ivan. La fede secondo le icone. Roma: Lipa Edizione, Terza edizione, 2017.